

A VIOLÊNCIA COMO MARCA CONSTITUTIVA DA SOCIEDADE BRASILEIRA E SUA REPRESENTAÇÃO NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA

Ana Lucia Rodrigues Guterra¹

RESUMO: No Brasil, a violência é um problema estrutural de nossa sociedade em sua constituição social. Diante disso, este trabalho tematiza a violência como marca de nossa sociedade e sua representação em narrativas contemporâneas. O objetivo é refletir sobre essa temática e analisar contos literários que abordam a violência social em diferentes autores brasileiros. O marco teórico do estudo é constituído por conceitos relacionados à temática da violência (SCHILLING, 2004; ARENDT, 1987; PELLEGRINI, 2008; CANDIDO, 1989; SELIGMANN-SILVA (2012) e aos contos (ABREU, 1996; TREVISAN, 2010; FREIRE, 2000). Trata-se de um estudo bibliográfico e documental. Como resultado parcial, destaca-se que a literatura tem o poder de levar o leitor, após uma leitura compreensiva e reflexiva, à humanização com esta temática que está banalizada em nossa sociedade.

Palavras-chave: Violência. Literatura. Humanização.

ABSTRACT: In Brazil, violence is a structural problem of our society in its social constitution. Therefore, this work thematizes violence as a mark of our society and its representation in contemporary narratives. The objective is to reflect on this theme and analyze literary tales that address social violence in different Brazilian authors. The theoretical framework of the study consists of concepts related to the theme of violence (SCHILLING, 2004; ARENDT, 1987; PELLEGRINI, 2008; CANDIDO, 1989; SELIGMANN-SILVA (2012) and literary tales (ABREU, 1996; TREVISAN, 2010; FREIRE, 2000) This is a bibliographical and documental study. As a partial result, it is highlighted that literature has the power to lead the reader after a comprehensive and reflective reading to humanization with this theme that is trivialized in our society.

Keywords: Violence. Literature. Humanization.

Considerações iniciais

O fenômeno da violência é complexo e é um dos principais problemas sociais do Brasil. E a literatura está intrinsecamente ligada à vida social. Diante disso, este trabalho tematiza a violência social como marca de nossa sociedade e sua representação em narrativas contemporâneas. O objetivo é refletir sobre essa temática e analisar três contos: “Creme de alface”, de Caio Fernando Abreu; “Craquinho”, de Dalton Trevisan e “Angu de sangue”, de

¹ Doutora em Letras no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo (UPF). Mestre em Literatura Comparada pela Universidade Regional Integrada (URI). Seberi-RS, Brasil, e mail: anaguterra@gmail.com

Este artigo traz um recorte da dissertação: **Literatura, violência e ensino:** Uma proposta de prática de leitura comparatista para o Ensino Médio. E foi defendida em agosto de 2015 no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Regional Integrada –URI do Alto Uruguai e das Missões.

Marcelino Freire. O marco teórico do estudo é constituído por conceitos relacionados à temática da violência (SCHILLING, 2004; ARENDT, 1987; PELLEGRINI, 2008; CANDIDO, 1989; SELIGMANN-SILVA (2012) e aos contos (ABREU, 1996; TREVISAN, 2010; FREIRE, 2000). Trata-se de um estudo bibliográfico e documental. Para tanto, partiremos de uma exposição teórica de diversos autores sobre a temática da violência. Na seção seguinte, trataremos da representação da violência na literatura brasileira, depois, examinaremos três contos contemporâneos crendo que a literatura tem poder de fazer o leitor refletir e se humanizar. Por fim, apresentamos as considerações finais, que revelam a posição crítica dos contos, através do discurso narrativo. Ao abordar a violência, menciona-se a marginalidade e a exclusão social das vozes minoritárias no espaço urbano considerado como ambiente fecundo para tal exclusão.

A violência como marca de nosso tempo

Em seu livro *O mal-estar na civilização* (2010), Sigmund Freud chegou à conclusão de que o indivíduo não pode ser feliz na civilização moderna. Apesar de todo o progresso científico e técnico, o homem não se tornou mais feliz. Freud nos diz que o objetivo da civilização não é a de ser feliz, mas renunciar à felicidade, pois vivemos num mundo carente de recursos. Nosso mundo é desfavorável às necessidades humanas e, para sentir prazer e gozar de tudo o que é bom, exigem-se trabalhos desagradáveis e sofrimentos. Assim, a manutenção da civilização exige que as pessoas trabalhem, mas estas não amam trabalhar e o fazem somente através da repressão social.

Na visão de Freud, a sexualidade é a pedra fundamental na manutenção e na reprodução da civilização. A civilização só existe porque os impulsos sexuais são canalizados para o trabalho, gerando os bens materiais e intelectuais da civilização. O processo civilizatório é marcado por renúncias e sentimentos de insatisfação que decorrem do fato de os homens viverem em sociedade. E é o resultado disso que se tem o mal-estar da civilização. Mal-estar produzido pelo conflito entre as exigências pulsionais e as restrições da civilização.

Com isso, vemos que hoje o mal-estar da civilização não desapareceu apesar de nossa época ter evoluído muito. Podemos reconhecer que, dentre outras situações, o mal-estar contemporâneo “se reflete nos atos violentos e na percepção da existência de uma violência que toma conta do mundo” (SCHILLING, 2004, p. 8). Surge da preocupação, do medo, da insegurança em função da violência que buscamos entender.

Diferentemente da época de Freud, hoje a sexualidade é um pouco mais tolerada e até mesmo incentivada, perdeu sua importância como causa de ansiedades e neuroses. O mal-estar,

hoje, segundo Souza (2007), também são os estímulos externos que causam desajustes no indivíduo. Observamos que as pessoas têm experiências de melancolia, depressão, desânimo e desinteresse pela vida. Tudo isso acompanhado de ansiedade também causam o mal-estar na civilização de nossa época. Na época de Freud, os valores eram bem estabelecidos, agora não são mais. Hoje, as pessoas vivem num mundo em que se sentem desamparadas e desorientadas.

Em nosso cotidiano, encontramos a violência, a miséria e a exclusão, que são efeitos do mal-estar na civilização sobre a subjetividade de cada um. Segundo Carmen Da Poian (2011), sem dúvida, “a violência em todas as suas formas faz parte do mal-estar do nosso mundo contemporâneo, mas sempre esteve presente em nossa história” (POIAN, 2011, p. 30). Sabemos que o homem não é gentil, ao contrário, seu instinto é de agressividade. A autora ainda afirma que hoje esta é manifesta mais explicitamente pelos meios de comunicação que contribuem muito para isso. Freud não dizia de pulsão de violência e, sim, de pulsão agressiva, que pode coexistir com as possibilidades de o homem empregar a violência. Hannah Arendt tem sua obra perpassada pela reflexão sobre a violência como consequência de seu pensar sobre a liberdade. A autora, ao apresentar o conceito de violência, em sua época, já chamava a atenção para a banalização do conceito e a falta de grandes estudos para este fenômeno:

Ninguém que se tenha dedicado a pensar a história e a política pode permanecer alheio ao enorme papel que violência sempre desempenhou nos negócios humanos, e, à primeira vista, é surpreendente que a violência tenha sido raramente escolhida como objeto de consideração especial. (Na última edição da Enciclopédia de Ciências Sociais, a “violência” nem sequer merece menção). Isto indica o quanto a violência e sua arbitrariedade foram consideradas corriqueiras e, portanto, desconsideradas; ninguém questiona ou examina o que é óbvio para todos. Aqueles que viram apenas violência nos assuntos “sempre fortuitos, nem sérios nem precisos” (Renan), ou de que Deus sempre esteve com os maiores batalhões, nada mais tinham a dizer à história. Quem quer que tenha procurado alguma forma de sentido nos registros do passado viu-se quase que obrigado a enxergar a violência como um fenômeno marginal. (ARENDR, 1987, p. 16).

Arendt (1987) ressalta que o termo violência está relacionado a muitas implicações que, por vezes, causam confusões na sua utilização. Neste sentido, ela contribui para a reflexão do termo “violência” e em seu texto “Da violência”, (1973), ela diferencia poder, fortaleza, força, autoridade e violência delimitando seu conceito entre outras palavras que causam confusão, as quais se referem a fenômenos distintos e diferentes. Sobre poder e violência ela afirma:

O poder está realmente na essência de todo governo, mas a violência, não. A violência é por natureza instrumental [...] o poder não necessita de justificação, sendo inerente à própria existência de comunidades políticas; o que realmente

necessita é de legitimidade. [...] a violência pode ser justificada, mas nunca será legítima. (ARENDR, 1973, p. 129).

A violência é diferenciada do poder, pois possui um caráter instrumental, e a autora usa termos como meios, instrumentos, implementos, ferramentas para se referir a fenômenos distintos e diferentes, de que seus instrumentos são criados e usados com fins da multiplicação do vigor natural, por isso Arendt nos diz que a violência aproxima-se fenomenologicamente do vigor. Ela é um meio, que pode destruir o poder (1973, p. 124). E ainda destaca: “A violência sempre pode destruir o poder; do cano do fuzil nasce a ordem mais eficiente, resultando na mais perfeita e instantânea obediência. O que nunca pode nascer daí é o poder” (1973, p. 130). Assim, o poder não é mesmo que violência e eles se opõem, pois, onde um deles domina totalmente, o outro está ausente:

A violência aparece onde o poder está em perigo, mas se a permitem seguir seus próprios caminhos, resulta no desaparecimento do poder. Isto implica em não ser correto pensar no oposto da violência como sendo a não violência; falar em poder não violento é uma redundância. A violência pode destruir o poder, mas é totalmente incapaz de criá-lo. (ARENDR, 1973, p. 132). Ela tem sido fruto também das grandes aglomerações urbanas e dos desequilíbrios econômico-sociais. As desigualdades são um dos indicadores do nível de violência, pois, onde há mais desigualdade, é mais intenso o índice de violência. Vivemos a violência adentrada em nosso cotidiano:

A violência, no mundo de hoje, parece tão entranhada em nosso dia a dia que pensar e agir em função dela deixou de ser um ato circunstancial, para se transformar numa forma do modo de ver e de viver o mundo do homem. Especialmente, do homem que vive nas grandes cidades – esses grandes aglomerados humanos que se tornam o caldo de cultura de todos os tipos de violência. (ODALIA, 2012, p. 9).

Assim, a violência urbana em nossa sociedade possui contornos de guerra civil, nossas cidades não podem mais ser controladas. Com a desestruturação familiar e a perda de laços familiares, há mais probabilidade de crianças virem a ser vítimas de violência e de cometer crimes na adolescência. O aumento do tráfico de drogas faz aumentar o número de crimes violentos, assim como também a disseminação das armas de fogo usadas em discussões banais contribui para a acentuação do crime. A violência é pensada pelas pessoas, num primeiro momento, como um ato expresso pela agressão física que atinge o homem diretamente, mas não é só isso. Na constituição da sociedade brasileira, ela está enraizada e é um fenômeno histórico, primeiro porque a violência se instituiu no processo de conquista, ocupação e

colonização, com a exploração dos índios e, depois, dos africanos; com o imperialismo, mais tarde tivemos também o coronelismo e o autoritarismo de regimes políticos.

A violência é a marca do nosso tempo. É uma situação que afeta nossa sociedade. Tânia Pellegrini, ao falar sobre a história da representação da violência na literatura brasileira, entende como conceito de violência o “uso da força para causar constrangimento ou dano físico, psicológico ou moral a outra pessoa, o que, inapelavelmente, recai em questões ligadas ao crime” (PELLEGRINI, 2008, p. 43). Essa temática é de relevância social e vemos isso pelos motivos que existem para o acréscimo da violência urbana no país.

São vários os motivos pelos quais a violência está aumentando em nossos dias: poderíamos citar a urbanização acelerada que traz um crescimento desorganizado das cidades com um grande fluxo de pessoas para o contorno urbano. Também poderíamos apontar o consumismo desenfreado e às vezes frustrado pela desigualdade social, a corrupção, o poder público ineficiente para enfrentar esta desigualdade que causa fome, miséria, desemprego e insegurança. Com isso, são gerados vários problemas no processo como o desenvolvimento de favelas, cortiços, o desemprego e enchentes pelas grandes áreas cobertas de asfalto e concreto que dificilmente serão solucionados em função da falta de monitoramento e devido ao crescimento populacional acelerado. Sendo esses alguns dos motivos do aumento da violência, questiona-se: que tipo de violência é esta? E vem a seguinte reflexão sobre o fato de a violência ser multidimensional:

Uma pergunta que sempre faço quando me pedem para falar sobre violência é: “De que violência vocês querem que eu fale? Da violência das paixões? Da violência que acontece na família – contra a mulher, a criança, o idoso, o portador de ‘necessidades especiais’, contra aquele (a) que tem uma orientação sexual diferente? Da violência do desemprego, da fome, da falta de acesso e de oportunidades, da falta de justiça? Da violência das instituições? Da violência das escolas, das prisões, da polícia? Da violência da corrupção? Da violência do preconceito, do racismo, da discriminação, dos crimes do ódio, entre tribos, entre aqueles que se juntam e consideram o outro um inimigo a ser aniquilado? Da violência da criminalidade?”. (SCHILLING, 2004, p. 33-34).

Como vemos, a violência tem marcado nosso tempo, porque apresenta várias faces que podem ser caracterizadas como violência contra a criança, o idoso, a mulher, violência psicológica, física, verbal, sexual, institucional, cultural, política, dentre outras. Há várias violências envolvendo sujeitos diversos e acontecendo de diferentes formas.

Desse modo, esse tema preocupa a sociedade contemporânea de forma recorrente, sendo importante abordá-lo na sala de aula. A violência faz vítimas diariamente, o que é comprovado

por índices e pesquisas, e a escola não pode se omitir diante dos fatos que singularizam nosso tempo.

Para definir violência Flávia Schilling (2004) se utiliza de conceitos de Yves Michauld e de Marilena Chauí respectivamente, o primeiro define como o “desregramento e o caos num mundo estável e regular” (SCHILLING, 2004, p. 37) e a segunda diz que a violência “é um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico ou psíquico contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão e intimidação, pelo medo e pelo terror” (SCHILLING, 2004, p.37). Para a autora essas definições de violência dialogam com a compreensão de quais são os direitos humanos das populações.

Aliás, Idelber Avelar (apud CRUZ, 2012) afirma que “a violência não é mais, para nós, apenas um tema, mas horizonte mesmo do vivível. A literatura não é sua mera crônica, mas um campo de batalhas simbólicas no interior do qual a neutralização não é apenas uma opção” (2012, p. 10). Assim, não estamos imunes à luta em torno dos abismos sociais existentes.

Poderíamos nos questionar sobre como a violência é vista atualmente pela nossa sociedade? Maria Regina da Costa diz que “ainda hoje, quando pensamos em violência, nos limitamos a enxergá-la como atos de criminalidade, revólver, sangue, faca, corpo e morte”. (COSTA; PIMENTA, 2006, p. 9). A autora demonstra que a violência vai além das justificativas instintivas ou vinculadas ao biológico e que esta “se constitui das relações sociais diferenciando-se de acordo com os tempos, espaços, conjecturas, condições, contextos e culturas de cada sociedade”. Assim, diferente do que a maioria das pessoas pensam, a violência vai além da questão física ou biológica, ela é multifacetada e está presente em quase todos os lugares e quase todas as dimensões de nossa vida.

A representação da violência na literatura brasileira

Ao pensarmos sobre a representação da violência na literatura, Tânia Pellegrini destaca que “a história brasileira, transposta em temas literários, comporta uma violência de múltiplos matizes, tons e semitons, que pode ser encontrada assim desde as origens, tanto em prosa quanto em poesia” (PELLEGRINI, 2004, p. 16), acompanhando toda a transformação da estrutura socioeconômica e demográfica do Brasil. Segundo a autora, a violência é pano de fundo do país, onde a “literatura regionalista representa a violência articulada a uma realidade social” (2004, p. 134).

Pellegrini (2004) mostra como a violência sempre esteve presente em nossa literatura, primeiro citando o romance regionalista como aquele que, articulado a uma realidade social, “vigora num sistema simbólico de honra e vingança individuais”; por isso, encontramos na

literatura temas como cangaço e jagunçagem, os heróis justiceiros do sertão. Encontramos a violência no romance de 30 e, depois, na obra de Guimarães Rosa e em outros autores em período que vai até a década de 90 do século XX. Nas obras que abordam o tema, “tais arroubos de violência também estão ligados a velhas concepções de masculinidade e macheza, além de muitas vezes surgirem envoltos por um caráter de ‘santidade’, estruturante de um mundo particular e arcaico de códigos e relações sociais” (PELLEGRINI, 2004, p. 17).

Assim, a violência reflete antigas estruturas autoritárias cujo “sistema legal eficiente e neutro” moderno não conseguiu se implantar. A literatura urbana tem outra representação da violência, segundo Pellegrini (2004), pois segue um caminho paralelo ao romance regionalista. Desde o início de nosso romance, a cidade é mostrada como “polo modernizador”, centro dos valores, hábitos e costumes europeus, sendo espaço diferente da realidade do sertão. Teremos alguns representantes como José de Alencar, Machado de Assis, Lima Barreto, entre outros, que mostram certa legalidade, ainda que aparente. A autora afirma acontecer tanto no campo quanto na cidade uma “ambiguidade na raiz da representação de todo tipo de violência, desde as mais brutais até as mais sutis” (PELLEGRINI, 2004, p. 18).

A literatura urbana no século XIX mostra os “espaços da exclusão” com os cortiços e as casas de pensão que encontramos na obra de Aluísio Azevedo, que é do século XIX:

Precusores das atuais “neofavelas”, das “cidades de Deus” e dos “capões”, abrigavam aqueles que a sociedade explorava e refugava: escravos libertos, brancos pobres, imigrantes, prostitutas, homossexuais, vadios, todos antecessores dos “bichos-soltos” e dos “carandirus” de hoje. As formas de violência ali representadas obedeciam aos códigos naturalistas da época, compreendidos como a simbolização mimética determinista de conflitos sociais que brotavam do submundo dos centros urbanos de então. (PELLEGRINI, 2004, p. 19).

Com isso, vemos o espaço como característica marcante das histórias, os homens como elementos desse espaço, exercendo suas funções sociais de acordo com suas posições de classe. Na ficção urbana, a violência foi protagonista a partir da década de 60 em função da ditadura militar e do processo de industrialização que acentua os problemas sociais. Teremos a cidade “dividida em ‘centro’ e ‘periferia’, em ‘favela’ e ‘asfalto’, em ‘cidade’ e ‘subúrbio’, em ‘bairro’ e ‘orla’, dependendo o uso desses termos da região do país” (PELLEGRINI, 2004, p. 19). Neste espaço, a violência será representada “entre bandidos, delinquentes, policiais corruptos, mendigos, prostitutas, todos habitantes do ‘baixo mundo’” (PELLEGRINI, 2004, p. 20).

Outro estudioso que aborda a temática da violência de forma sistemática é Antonio Candido. Este denomina de “realismo feroz” a era da violência urbana como uma tendência

marcante na ficção brasileira no século XX, cobrindo o período que vai de 1930 até o final de 1970. Essa modalidade de realismo corresponderia

À era de violência urbana em todos os níveis de comportamento. Guerrilha, criminalidade solta, superpopulação, migração para as cidades, quebra do ritmo estabelecido de vida, marginalidade econômica e social – tudo abala a consciência de escritor e cria novas necessidades no leitor, em ritmo acelerado. (CANDIDO, 1989, p. 212).

Assim, o desenvolvimento deste “realismo feroz” retrata acima de tudo o espaço da cidade e sua problemática a qual vários escritores dessa época, como Dalton Trevisan, Osman Lins, Fernando Sabino, Rubem Fonseca, entre outros, apresentam em suas obras, mesclando estilos híbridos e heterogêneos. As duas marcas da produção ficcional no século XX, tais como apontadas por Candido – a pluralidade de gêneros e formas textuais e o desenvolvimento de um “realismo feroz”, que retrata, sobretudo, o espaço da cidade – ainda se fazem presentes na literatura atual.

Há autores contemporâneos que escrevem contos com a temática da violência. Ângela Maria Dias (2008, p. 41) afirma que a literatura contemporânea tem mantido com a vida urbana uma configuração de recorrente perplexidade diante da experiência histórica, ficcionalizada como absurda e inverossímil. Dias cita alguns autores dessa literatura contemporânea, como Rubem Fonseca, Paulo Lins, Ferréz, Luiz Alberto Mendes, André Sant’Anna e Sérgio Sant’Anna. Todavia, sabemos que há outros escritores que abordam essa temática como Patrícia Melo, Cíntia Moscovich, Luiz Ruffato, Luiz Vilela, Marçal Aquino, Marcelino Freire, Carlos Gildemar Pontes, Rinaldo de Fernandes, Marcelo Mirisola, Ataíde Tartari, entre outros.

Escritores do século XXI usam linguagem simplificada nas narrativas. O conto torna-se mais objetivo. Além disso, o discurso fragmentado atravessado por falas de personagens é o discurso de quem sofre traumas. Muitas vezes encontramos discursos sem pontuação, sem pausas, mostrando a subjetividade do personagem abalada. Há também uso de termos chulos para expressar liberdade sexual.

Agora realizaremos a análise de alguns contos selecionados que abordam a temática da violência. A ideia é de que possamos, no processo de análise das narrativas, observar a representação da violência e inter-relacionar literatura, sociedade e a temática da violência. O critério usado para seleção foi: adoção de texto literário canônico e não-canônico e proposta baseada em tema e não na periodização literária. Foram escolhidos contos para que se perceba a temática recorrente em outros autores contemporâneos. A exposição de uma leitura de contos sobre violência visa demonstrar que o conto, como gênero literário, tem se voltado para a

problematização da violência social e que diferentes autores brasileiros têm percebido que nossa sociedade está repleta de práticas de violência. Para isso, expomos nossa leitura de algumas narrativas.

A temática da violência no conto contemporâneo

Nesse momento, faremos uma análise de três contos contemporâneos que abordam a temática da violência: “Creme de alface” de Caio Fernando Abreu; “Craquinho” de Dalton Trevisan e “Angu de sangue” de Marcelino Freire.

O primeiro conto a ser analisado é “Creme de alface”, de Caio Fernando Abreu. O texto é uma narrativa em primeira pessoa em que a narradora tem maior envolvimento com os fatos expostos. No prefácio do conto, o autor apresenta “a personagem dessa mulher-monstro fabricada pelas grandes cidades” (ABREU, 1996). Através do fluxo de consciência, notamos que a protagonista anda pela cidade com pressa e desorientada e dirige-se ao apartamento de Arthur, seu namorado, que está traindo-a com a empregada, “mulatinha ordinária” (ABREU, 1996). Até chegar lá, ela se lembra de várias pessoas, ao mesmo tempo em que sente raiva de andar pelas ruas cheias de pessoas: “mas o senhor não quer deixar eu passar? Tenho pressa, meu senhor” (ABREU, 1996). O prefácio apresenta a época, 1975, e a censura que impediria o conto de ser publicado, isso é alusão à Ditadura Militar. Ao mesmo tempo, este prefácio coloca a sua “absoluta violência” (ABREU, 1996) e o tempo pelo qual o conto ficou escondido: 20 anos dizendo que as coisas pioraram, apesar de a Ditadura ter terminado.

A estrutura do conto é linear, e o personagem principal é uma mulher (narradora), que anda pela rua inquieta e angustiada e vai ao apartamento do namorado, flagrando-o numa relação sexual com a empregada e, depois de retirar-se do local, resolve ir ao cinema e, lá, após uma cena de violência com um pivete de rua, alguém “macho” a masturba e a faz se sentir melhor, tanto que, ao sair, em vez de ir comprar nos crediários, comprará um creme de alface como lenitivo para sua vida após este momento de prazer e fuga. Quando a narradora flagra seu namorado, encontramos uma crueldade melancólica, pois ela não reage, retira-se e depois deixa que a masturbem. Assim, vemos um contato desumanizado que animaliza as relações humanas.

Em alguns momentos, o discurso é atravessado por falas dos personagens (discurso indireto) em que se percebem a fragmentação e a troca de temas em que se vê um discurso traumático: “O sinal já abriu faz horas, só uma cretina seria capaz de trazer duas crianças ao centro da cidade e esta hora, ele jamais poderia imaginar, o ruído leve da chave abrindo a porta, animal, por que não olha por onde pisa?” (ABREU, 1996).

O trauma da protagonista se reflete na forma, através da ausência de pontuação, sem pausas, sem as marcas de diálogos, parágrafos extensos, mostrando a subjetividade da narradora abalada, desestruturada. Também o uso de termos chulos que chocam, expressando liberdade sexual e também que o personagem é alguém com perdas.

O texto suscita reflexões acerca da violência principalmente no episódio da menina pedindo dinheiro (2º parágrafo) e a reação da mulher, tendo reação cruel e agressiva conforme aponta Ângela Maria Dias (2008). Ela nega à criança dinheiro e esta lhe roga praga: “sua puta sua vaca sua rica fudida lazarenta vai morrer podre” (ABREU, 1996) e a menina é jogada violentamente contra a parede e machucada nas pernas com a “ponta fina da bota” (ABREU, 1996). “Creme de alface” apresenta, pela postura dos personagens, a crueldade agressiva e violenta segundo a definição dada sobre crueldade por Ângela Maria Dias. Isso acontece no episódio descrito no segundo parágrafo do texto, em que a menina pede dinheiro e a narradora reage com violência verbal e física, que é uma crueldade dolorosa com o outro. Também, há violência na forma como a narradora age: “quero gritar, na descrição de Lucinda que quebrou as duas pernas atropelada” (ABREU, 1996). A violência também se expressa na raiva que ela sente dos pivetes, “pivetes imundos, tinham que matar todos” (ABREU, 1996), nas expressões “jornais cheio de horrores”, “negrinhos gritando loterias”, “barulho das britadeiras furando o concreto”, “fumaça negra dos ônibus” mostrando a poluição, o flagrante da traição- violência psicológica e traumática para ela. A partir destas citações, é possível refletir os vários tipos de violência; também uma protagonista insensível, petrificada, traumatizada e fragmentada na sua vida cotidiana, incapacitada de enxergar além das aparências e que, em determinados momentos, é agredida e, em outros, agride cruelmente seu semelhante.

Com este conto, vemos as marcas de uma sociedade em que a violência é constitutiva e traumática, está intrínseca no país, comprometendo a ordem social. Associada à violência, temos a impunidade, a falta de políticas de segurança pública e a desigualdade social. A violência ferindo a condição humana e o direito à liberdade e a vida.

O segundo conto a ser analisado intitula-se “Craquinho”, de Dalton Trevisan. O conto, presente em *Desgracida* (2010), é uma narrativa em primeira pessoa que aborda a falta de perspectiva para os usuários de drogas. O texto é reduzido à exposição de uma situação de alienação que vive o homem moderno, em meio à vida fragmentada das grandes cidades. Vemos a alienação de Edu, um usuário de crack e narrador desse enredo, que mostra sua incapacidade de discernir o mundo real do mundo imaginário. Nesse último, fruto de suas alucinações, a própria droga se personaliza e dialoga com ele:

Só dez segundinhos. Fatal. Te bate forte no peito. O bruto soco na cabeça. E o mágico tuimmm!

Na pedra, sabe? Tem um espírito vivo. Daí o craquinho fala direto contigo:

– Vai, Edu. Vai nessa, mermão! (TREVISAN, 2010, p. 147).

Edu, usuário de drogas, tem alucinações e acredita que a pedra de crack pode lhe dizer coisas, ou seja, ele não dispõe de percepção suficiente para afirmar-se, julga que “o craquinho” aconselha-o a fazer uso da droga. O narrador descreve o uso do crack, evidenciando sua dependência do vício, resultando na perda da identidade – “Você para, a fissura te pega. Já se perde numa noia de veneno” (TREVISAN, 2010, p. 147) –, uma falsa sensação de poder conferido pela droga – “Cê fica o tal. Olho de vidro, o polegar chamuscado, acelero alto. Mais força e poder. O pico de zoar no paraíso” (TREVISAN, 2010, p. 147) – ou a própria destruição: “O teu inferno sem volta”; “Fatal” (TREVISAN, 2010, p. 147). O personagem alterna estado de apatia e de agitação e tem sua percepção confusa. Edu confessa que o vício o leva a um “inferno sem volta”, o que lhe permite relacionar como um sinal de morte anunciada.

O conto, de pequena extensão, nos mostra uma pequena e banal tragédia cotidiana. Percebemos a destruição psicológica de Edu pela droga, pois ele passa, por exemplo, a ter alucinações: “Na pedra, sabe? Tem um espírito vivo. Daí o craquinho fala direto contigo: – Vai, Edu. Vai nessa, mermão!” (TREVISAN, 2010, p. 147). Edu sofre por conta da dependência: “Eu tava três dias fumando horrores. Sem comer. Sem dormir. Só queimando a pedra”; “Olho de vidro, o polegar chamuscado, acelero alto” (TREVISAN, 2010, p. 147). No conto de Trevisan, percebemos a temática da violência urbana, em que há a presença de um cotidiano amargo e de um usuário de drogas sem perspectiva de melhorar sua vida, pois vive entre a paranoia e a vida real.

O terceiro conto contemporâneo é “Angu de sangue” (2000), de Marcelino Freire. Nesta narrativa, vemos a violência naturalizada. A narrativa, em primeira pessoa, mescla ilusão e realidade, relação social e relação amorosa. Cria uma situação em que a violência é a solução e, ao mesmo tempo, bloqueio para que se solucionem os problemas. Observamos no enredo que o casal de namorados havia brigado; depois, no trânsito, ele é assaltado e leva o bandido ao apartamento da namorada, que será assassinada e onde também o matará. A história inicia e termina com uma mesma cena dentro de um automóvel, símbolo da modernidade e da individualidade do homem da cidade moderna, mostrando a violência como um círculo vicioso.

Essa violência é marcada pela circularidade e é uma constante da lembrança do homem e de sua relação com a opressão: “Quando o bandido entrou em meu carro, eu pensava em Elisa, nervoso, tentava esquecer o inferno que foi a nossa briga. Nem tive tempo de fugir do ladrão,

nem de escapar daquele pensamento. Preso no sinal de trânsito” (FREIRE, 2000, p. 69). Neste momento, havia acontecido uma briga de namorados.

Notamos que o narrador é ao mesmo tempo vítima e provocador da violência. Por fim, torna-se vítima de assalto: “Fiquei sem entender, ora, o que acontece com a nossa cidade, no coração de São Paulo vejo a cara feia de um revólver” (FREIRE, 2000, p. 69). Neste momento, o narrador se torna sujeito passivo vítima de assalto, algo comum no cenário urbano. As cenas são atropeladas, mostrando um sujeito em crise: “Não sou rico, mas sou dono do seu coração, não valho um tostão. Ninguém vale um tostão nessas horas, nenhum centavo. Na contramão, o ladrão foi sufocando outros carros, raspando o olho do revólver nos meus olhos” (FREIRE, 2000, p. 70). O narrador afirma não valer nada no seu relacionamento amoroso. O protagonista é sufocado por situações de vida que mostram vários aprisionamentos: o amor não realizado, a insegurança perante o ladrão que aparece, o pensamento fixo na imagem da amante, o aprisionamento do sinal de trânsito.

O narrador age como se sua violência em relação ao bandido e à sua namorada fosse autêntica e garantisse ao possuidor uma posição social – dono do carro, do cartão de crédito, do cheque – o uso da agressividade como elemento de defesa em meio ao caos urbano. “Quer mais dinheiro, não tenho. Leve o meu carro, me deixe sozinho” (p. 70), o narrador entrega tudo só para resolver o problema. O retrato da violência é estático, ou coagulado como o sangue vindo de um ato de violência, por meio de uma escolha de palavras que traz um corte seco e ácido para ilustrar tramas que poderiam aparecer nas colunas policiais dos jornais.

Vemos no conto o espaço da cidade que cria um realismo brutal. “A vida não vale a lei, não vale a pena. O país é uma prisão para mim” (FREIRE, 2000, p. 70), nada vale para o protagonista e ele demonstra ter consciência da situação do país. Depois, observamos a fragilidade da vida perante a violência: “O ladrão ficou me olhando, o revólver na mão, drogado” (FREIRE, 2000, p. 70). O protagonista leva o ladrão para o apartamento de Elisa, lá, mata Elisa e o ladrão:

Fui mais rápido – atirei no desgraçado. Só foi alcançar o gatilho. O mesmo tiro. Com o mesmo revólver que deixei largado. Que matei Elisa. Meu Deus, matei Elisa. O bandido tinha o rosto de Elisa, tinha roubado o rosto de Elisa. O maldito merecia, merecia. O maldito, um tiro na cara. Merecia. (FREIRE, 2000, p. 72).

O narrador demonstra não ter sentimento de culpa. Acaba fugindo pelo quintal e, com o seu carro, foge até no próximo semáforo quando percebe um homem se aproximando e deduz que este homem está mal-intencionado e que vai querer entrar em seu veículo. Com isso, vemos que a violência não termina, mas, sim, torna-se um círculo vicioso como acontece nos grandes centros urbanos.

Com estas análises, observamos a temática da violência nos contos literários contemporâneos, com isso, o leitor pode ser levado a refletir após a leitura compreensiva a aguçar seu grau de criticidade e por consequência de humanização. O aproveitamento da leitura sempre se dará com a mediação do professor que auxiliará no descortinar o texto para o aluno. Por isso, defendemos a necessidade de se formar professores como bons leitores de textos literários e de que a preparação dos docentes envolva reflexões sobre literatura e sociedade.

Com base nesses contos analisados e partindo das concepções de Jaime Ginzburg no prefácio de seu livro *Literatura, violência e melancolia* (2013), pode-se dizer que a literatura pode fazer alguma coisa contra a violência e que esta “convivência com a literatura permite criar um repertório de elementos – imagens, ideias, posições, relatos, exemplos – que interessam para a constituição de orientações éticas individuais e coletivas. Assim, na visão do autor, a violência na literatura tem o poder de fazer com que o leitor reflita e se humanize com esta temática, exercendo sua cidadania de forma mais consciente. O autor parte de uma perspectiva pacifista e, ao escrever este livro, seu objetivo é discutir a violência presente na literatura.

Este mesmo autor, em outro livro, parte da premissa de que “a violência tem um papel fundamental para a literatura brasileira” (2012, p. 244). Afirma que é possível identificar alguns autores sendo favoráveis à violência em algumas obras que pertencem ao cânone literário e que seria possível contrariar estes textos, encontrando personagens que reagem indignados a essas cenas. Ele também cita algumas obras em que é sugerida a tomada de consciência sobre a violência na literatura brasileira. E, quando se identificam posições nos discursos literários quanto à violência, tem-se a percepção “de uma compreensão imediata, que aceita a violência tal como é, após, passamos a uma compreensão conflitiva em que somos colocados diante de duas forças: uma capaz de agredir, e outra, que não está de acordo com isso” (GINZBURG, 2012, p. 245).

Márcio Seligmann-Silva (2012) reflete sobre a violência nos dias de hoje, dizendo que as vítimas da atualidade estão concentradas nas camadas mais pobres, o que faz com que a sociedade não tenha reação contra a violência, da mesma forma que, no passado, as forças da ditadura dominavam seus opositores, hoje, o mesmo acontece com a rubrica de nossos governantes. Nesse sentido, o autor alega:

A violência do passado continua na violência do presente. Nosso crescimento econômico tem sido acompanhado de um crescimento astronômico de nossas prisões e de um nível sem precedentes de violência aplicada contra as regiões urbanas mais pobres. Essa fusão das esquerdas com a direita significou a opção pela continuidade de um modelo de democracia perverso, que funciona para uma minoria da população e que mantém em funcionamento um robusto para-choque, que se estende pelos três

poderes e permite o livre funcionamento do estado de exceção dentro do aparente estado de direito. (SELIGMANN-SILVA, 2012, p. 65).

Assim, Seligmann-Silva, que estuda a representação da violência num período específico da história do Brasil, a Ditadura Militar (1964-1985), aborda, em seu ensaio, que o silenciamento do período ditatorial fez a tortura continuar, pois se observou a ruína das esquerdas, havendo uma fusão da direita e da esquerda, de forma que a violência foi substituída da violência do estado pela violência urbana. Ao mesmo tempo em que a sociedade tem medo, ela desconta suas pulsões na classe marginal. Com isso, vemos que os pobres são as maiores vítimas da violência, sendo improvável a sua reação diante desse problema social.

Já Ângela Maria Dias (2008) estuda a representação da violência em contexto diferente do ditatorial e afirma que a literatura brasileira contemporânea possui um vínculo estreito com a vida urbana, abordando alguns males, como o da desigualdade social e o real transparecendo como trauma. Ela ainda expõe que a excessiva exposição de “pornografia terrorista” ou de violência, no caso da televisão, revela o empenho do narrador em confirmar, agarrar na sua extrema manifestação, para evitar que desapareça este realismo. E esta violência truculenta – “a crueldade, entendida como o inescapável ou insuportável do real” (p. 41) – refere-se a essa exaustão de situações-limite que se constrói pelo “discurso seco, direto e pela palavra-vitrine” (DIAS, 2008, p. 41). Assim, segundo a autora, há tentativa compulsiva para se apreender o real, ela compara a literatura contemporânea e a vida urbana. Através dessas análises, percebe-se nos textos literários a crueldade refletida pela vida da sociedade.

Dias (2008) ainda comenta a tendência de cunho documental que mostra tragédias e cita autores que viveram próximos a ela. Por isso, atualmente, nesta literatura contemporânea, observamos cenas cruéis da nossa realidade social desigual, vendo o real traumatizado pela violência. Dias (2008), ao falar que a literatura contemporânea expõe de forma excessiva a violência, apresenta três tipos de crueldade: a crueldade agressiva, a exótica e a melancólica. Denomina-se crueldade agressiva aquela com característica das imagens perversas do consumo e da promiscuidade pornográfica que nos rodeiam. A crueldade exótica diz respeito à crueldade distante e estetizada. É quando o cinismo, ou a ironia, diante da alteridade, dá lugar à atual culturalização bem pensante da miséria e do desenraizamento. Crueldade melancólica, esta terceira modalidade do olhar cruel, por sua vez, tanto pode aparecer combinada com as outras duas – a violenta e a exótica – quanto de maneira autônoma. Trata-se da perspectiva especificamente melancólica que se exprime pela indiferença, pela incapacidade da perda e do desejo. O melancólico é um enlutado sem a experiência do luto.

Convergindo para esta visão da apreensão do real, Beatriz Jaguaribe, autora do livro *O choque do real: estética, mídia e cultura* (2007), defende a tese de que está ressurgindo com toda a força um novo fenômeno. Segundo ela, o cinema, a literatura e outras artes retomaram o realismo estético, ou o “choque do real”, como uma das expressões mais importantes da cultura globalizada. Ela define este choque como “sendo a utilização de estéticas realistas visando a suscitar um efeito de espanto catártico no leitor ou espectador” (2007, p. 100). Por isso, o surgimento atual de filmes e narrativas que fazem tanto sucesso com a abordagem da violência. A autora também explica o que é o choque do real:

o “choque do real” [é] um momento de intensificação catártica onde uma situação extrema, seja de violência, terror, pobreza ou paixão é aguçada de forma tão verossímil que o leitor/espectador é tomado pela ficcionalidade e suspende seu julgamento. O choque se potencializa quando uma realidade que é ignorada ou absorvida mecanicamente torna-se, por instantes, vívida e insuportável. Para que o “real” apresentado choque é preciso que ele seja convincente e diverso do vocabulário e das imagens sensacionalistas usualmente exibidas nas mídias que saciam os anseios do grande público pelo “pão e circo”. (JAGUARIBE, 2003).

Por isso, vivemos num mundo saturado de imagens e de narrativas que banalizam a violência, são tragédias e misérias em geral que tocam o leitor ou telespectador pelo choque sensacionalista de como muitos episódios são abordados. Nesse sentido, Gomes (2006) alerta para a naturalização da violência alentada pela guerra de imagens e pelo recrudescimento das polêmicas sobre a violência na televisão e no cinema: “Estariam esses meios pondo imagens atos de crueldade até o limite do suportável? Poderíamos colocar no mesmo plano todo tipo de imagens agressivas, sem levar em conta a intenção, o contexto e o sentido da ação mostrada nas telas?” (GOMES, 2006, p. 27). Assim, a naturalização da violência, identificada à crueldade e destemida por sua incivilidade nas mídias, torna-se senso comum. Ou seja, a repetição e a intensificação de cenas e imagens é que geram a banalização da violência, desenvolvendo o medo na sociedade.

São algumas estéticas realistas que realçam, aumentam, avivam cenas de violência urbana cotidiana que passariam despercebidas, causando o choque do real. Esta expressão está ligada a outra denominada “efeito do real”, expressão de Roland Barthes (2002) que a utilizou para diversas abordagens da vida social e interpretação da realidade. Jaguaribe mostra que, com a abordagem da mídia e das artes sobre a temática da violência, surge a “cultura do medo”, que é aquela que, “ao transitar pela cidade, trancamos a porta do carro, fechamos a janela, apressamos o passo, nos esquivamos do mendigo, driblamos o pivete, fugimos do assalto” (p. 123) e, conseqüentemente, tentamos nos autoprotger e nos isolar.

Além disso, Adélcio de Sousa Cruz (2012) mostra a violência urbana como um fenômeno marcante em nossa sociedade atual. Ao analisar três obras da literatura mais recente, coloca-nos que “inicia-se a tarefa de quebrar o silêncio... Não se é educado no Brasil para a prática do debate” (2012, p. 15), se é educado para a prática dos “panos quentes” numa tentativa de discurso em que somos todos iguais e ele nos diz que não somos todos iguais e que a literatura contemporânea nos revela isto sobre as camadas da população situadas em áreas de exclusão que sofrem com a violência. Nesse sentido, afirma:

Estas parcelas tornam-se alvos fáceis para as balas e “armas brancas” tanto do mundo real quanto da ficção, que sempre terminam por transformá-las nas denominadas “vítimas preferenciais”. Pode-se continuar a argumentar que a literatura é “só” literatura. Porém, tal afirmação não contribui para o debate, visto que permanece na esfera das atitudes cômodas que insistem no não reconhecimento da diferença e que terminam apenas naturalizando a violência, como ocorre com boa parte das narrativas sobre o tema. (CRUZ, 2012, p. 23).

Regina Dalcastagné (2005), ao tratar da violência no cenário literário brasileiro, chama a atenção para o fato de que a representação da alteridade terá “vítimas preferenciais”, que são os negros/ afro-descendentes, as mulheres, as crianças, os jovens e os homossexuais, alvos preferidos a exemplo do que acontece na realidade, ou seja, a exclusão social realizada como na vida real das pessoas. Assim, sabemos que milhares de pessoas vivem numa situação de exclusão que as torna vítimas de uma sociedade desumana, são pessoas sem perspectiva de vida melhor e que encontram na violência o único meio de mostrar sua revolta.

Por fim, cabe retomar Antonio Candido, ao tratar do “Direito à literatura”, texto no qual o crítico chama a atenção para o fato de que “a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela” (CANDIDO, 1995, p. 242). O autor ainda diz que viver sem a literatura destrói a personalidade do indivíduo. Sobre isso Candido assim se manifesta:

Entendo aqui por humanização (já que tenho falado tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (CANDIDO, 1995, p. 249).

Ao definir humanização, Candido afirma que quem se apropria da literatura ou da palavra organizada consegue sistematizar melhor a visão do mundo que tem, tornando-se um indivíduo que organiza melhor seus conhecimentos e sentimentos. Por isso, a literatura é importante na formação humana e na construção de uma sociedade melhor, aliás, ela é ligada à

vida social, e ajuda a posicionar-se em face aos acontecimentos da vida. Sendo a literatura importante na formação de pessoas e de leitores, desenvolver uma proposta de ensino de literatura que explore, por exemplo, a temática da violência, para apontar o poder de transformação que as narrativas podem provocar em seus leitores, contribuindo para humanizá-los, é fundamental.

Considerações finais

O propósito deste artigo foi refletir sobre a violência social como marca constitutiva de nossa sociedade e sua representação em narrativas contemporâneas. Hoje, vivemos numa sociedade cada vez mais desumanizada. Percebemos isso através do aumento da violência, do individualismo, da tecnologia entranhada em nossas vidas e que promove distâncias físicas e de afeto, entre outros fatores, enfim, necessitamos reavaliar tudo isso em busca de melhorar nosso cotidiano.

Quanto à crueldade, à desumanidade, à frieza e à indiferença pela vida de pessoas nos contos literários contemporâneos, elas não são próprias somente da sociedade brasileira, mas estão presentes em todas ou em quase todas as sociedades. A posição crítica dos contos, através do discurso narrativo, ao abordar a violência, dá-se pela menção à marginalidade e pela exclusão social das vozes minoritárias no espaço urbano considerado como ambiente fecundo para esta supressão. Essas narrativas, ainda por fazerem uma leitura ou um registro da realidade contemporânea, abordam experiências com as várias faces da crueldade que acontecem na sociedade.

Inserida nesse contexto, a escola é o reflexo de nossa sociedade e ela precisa repensar suas práticas para que formemos, nós (professores e pesquisadores), um indivíduo humano mais pacífico. E um dos caminhos para isso é a leitura da literatura. Ainda que em nosso país os índices de leitura são insuficientes e a qualidade do ensino muitas vezes deixa a desejar, precisamos recuperar a nossa quota de humanidade perdida já há algum tempo.

Referências

- ARENDDT, Hannah. **Crises da república**. São Paulo. Perspectiva, 1973.
- _____. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989.
- _____. O direito à literatura. In: _____. **Vários escritos**. 3. ed. reorg. pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 235-247.

COSTA, Maria Regina da; PIMENTA, Carlos Alberto. **Reabrindo o debate: a violência em questão**. In: _____. *A violência: Natural ou sociocultural?* São Paulo: Paulus, 2006. p.5-10.

CRUZ, Adélcio de Sousa. **Narrativas contemporâneas da violência**: Fernando Bonassi, Paulo Lins e Ferréz. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

DIAS, Ângela Maria. *Cenas de crueldade: ficção e experiência urbana*. In: DALCASTAGNÈ, Regina (Org.). **Ver e imaginar o outro: alteridade, desigualdade, violência na literatura brasileira contemporânea**. Vinhedo: Horizonte, 2008. p. 41-56.

FREIRE, Marcelino. **Angu de sangue**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GINZBURG, Jaime. **Crítica em tempos de violência**. São Paulo: Edusp, FAPESP, 2012.

_____. **Literatura, violência e melancolia**. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

GUTERRA, Ana Lucia Rodrigues. **Literatura, violência e ensino: uma proposta de prática de leitura comparatista para o ensino médio**. Dissertação de Mestrado. Departamento de Letras, Linguística e Artes da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões. 2015. Frederico Westphalen. 142 p.

JAGUARIBE, Beatriz. *Choque do real a violência e as estéticas do realismo midiático e literário*. **Revista Semiosfera**. Rio de Janeiro, número especial, dez. 2003, online. Disponível em: <<http://www.semiosfera.eco.ufrj.br/anteriores.html>>. Acesso em: 26 out. 2014.

_____. **O choque do real: estética, mídia e cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

ODALIA, Nilo. **O que é violência**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

PELLEGRINI, Tânia. *No fio da navalha: literatura e violência no Brasil de hoje*. In: DALCASTAGNÈ, Regina (Org.). **Ver e imaginar o outro: alteridade, desigualdade, violência na literatura brasileira contemporânea**. Vinhedo: Horizonte, 2008. p. 41- 56.

POIAN, Carmen da. *O mal-estar contemporâneo: buscando saídas*. **Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, v. 33, n. 24, p. 30-39, 2011.

SELIGMANN-SILVA, Márcio; GINZBURG, Jaime; HARDMAN, Francisco Foot. **Escritas da violência: testemunho**. vol. 2. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012. p. 64- 85.

SCHILLING, Flávia. **A sociedade da insegurança e a violência na escola**. São Paulo: Moderna, 2004.

SOUZA, Michel Aires de. *O mal-estar na civilização moderna*. **Filosofonet**. Disponível em: <<https://filosofonet.wordpress.com/2007/09/25/o-mal-estar-na-civilizacao-moderna/>>. Acesso em: 21 fev. 2015.

TREVISAN, Dalton. “Craquinho”. In: _____. **Desgracida**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

